

# O OUTRO NO DISCURSO: REPRESENTAÇÃO E CIRCULAÇÃO

## *THE OTHER IN THE DISCOURSE: REPRESENTATION AND CIRCULATION*

Dóris de Arruda C. da Cunha  
Universidade Federal de Pernambuco

### RESUMO

A noção de dialogismo deu origem a um campo de pesquisa apenas vislumbrado no final dos anos 1970, quando os estudos enunciativos, discursivos e textuais começam a fazer um deslocamento do estudo das formas da língua para as do discurso ou do enunciado produzido no já-dito, orientado para o outro e para os discursos por vir. Partindo do caráter heterogêneo do enunciado, do enunciador e do enunciatário, tais estudos não constituem apenas uma mudança de etiqueta. Trata-se de uma revolução teórica, como mostra toda uma literatura consagrada ao discurso reportado, à intertextualidade, à heterogeneidade (mostrada e constitutiva), ao dialogismo (interdiscursivo e interlocutivo), à representação do discurso outro (RDO), à polifonia. Apesar da noção de *dialogismo* correr o risco de tornar-se uma fórmula vazia ou um dogma, ou de ser considerada como uma chave milagrosa que abre todas as portas (François, 2006), considero que o valor heurístico da noção não está esgotado. Esse artigo examina as retomadas-modificações de uma reportagem em cartas de leitores. O foco são os modos de presença do discurso outro não marcadas, sem as quais não haveria discurso atual, e que não têm lugar nas descrições dos esquemas sintáticos “clássicos”. Nas cartas, os leitores comentam os discursos que circulam nas mídias, silenciando as fontes e os contextos do que é reportado, evocado, mencionado, etc. O discurso outro é introduzido por meio de nominalizações e torneios sintáticos que acentuam diferentes aspectos do discurso fonte, dos discursos-respostas ao discurso fonte, numa cadeia ininterrupta durante um momento discursivo, criando formas de *polêmica velada* e de *dialogismo velado* (Bakhtin, 1977). As análises mostram que o trabalho de interpretação passa necessariamente pela reconstituição dos fios dialógicos intra e interdiscurso.

**Palavras-Chave:** dialogismo, representação, circulação, reacentuação, cartas de leitores.

## ABSTRACT

The notion of dialogism gave birth to a research field that emerged at the end of the 1970s when enunciation, discursive and textual studies started to move away from the study of the forms of the language to those of the discourse and the enunciation produced in the “already-said”, directed to others and to the discourses to come. From the heterogeneous character of the enunciation, the enunciator and the enunciatee, these studies do not just constitute a change in etiquette. They are part of a theoretical revolution, as shown by the consecrated literature on reported speech, intertextuality, heterogeneity (shown and constitutive), dialogism (interdiscursive and interlocutory), the representation of the discourse of the other, and polyphony. Despite the fact that the notion of dialogism risks becoming an empty formula or a dogma, or being considered a miraculous key that opens all doors (François, 2006), I argue that the heuristic value of the notion has not been exhausted. This article examines the “modified resumptions” found in the readers’ letters of a magazine article. The focus of the analysis lies in the modes in which the unmarked discourse of others emerge, without which there would be no current discourse, and which do not fit in the “classical” syntactic schemes. In the letters examined, the readers provide comments to the discourses that circulate in the media, silencing the sources and contexts of what is reported, evoked and mentioned. The discourse of the other is introduced by means of nominalizations and syntactic turns that accentuate different aspects of the source discourse and the replies to this source discourse, in a broken chain of the discursive moment, creating forms of *veiled controversy* and *veiled dialogism* (Bakhtin, 1977). The analyses show that the interpretation work has to go through the reconstitution of the inter and the intradiscursive dialogic threads. Keywords: dialogism, representation, circulation, re-accentuation, readers’ letters.

## INTRODUÇÃO

As ideias de Bakhtin foram amplamente difundidas a partir dos anos 1960, exercendo uma profunda influência nas Ciências Humanas e Sociais<sup>1</sup>. Demerson (2002) observa que a voz do pensador russo não cala, não cessa

---

<sup>1</sup> É impossível apresentar minimamente o conjunto dos trabalhos no campo da linguística e da literatura, em que os conceitos de polifonia, gênero, bivocalidade, carnavalização, cronotopo, etc., são retomados.

de repercutir no Ocidente desde a sua aparição há algumas décadas<sup>2</sup>. No campo da linguagem, essas ideias se consolidaram como uma teoria/análise dialógica do discurso (BRAIT, 2006) ou uma *approche dialogique en analyse du discours* (MOIRAND, 2010), fundamentada no dialogismo, base do pensamento de Bakhtin<sup>3</sup>.

Muitos estudos linguísticos que se filiam à teoria bakhtiniana analisam o discurso citado, as marcas enunciativas da alteridade no discurso, vozes, ecos, falhas, bem como formas da língua - o pretérito do imperfeito, alguns conectivos, a negação, etc. - consideradas como marcadores dialógicos.

Tendo em vista a diversidade de sentidos da noção de dialogismo nos escritos de Bakhtin e Volochinov, é necessário situar nosso estudo: não nos ocuparemos aqui do dialogismo como filosofia geral para pensar o homem, a vida, a linguagem, o romance. Analisamos o dialogismo das vozes no discurso, mesmo sabendo que grande parte dessas vozes é assimilada ao nosso discurso e não aparece da mesma forma para o enunciador, seus interlocutores e o analista do discurso.

As pesquisas sobre os discursos da/na imprensa (MOIRAND, 2007, 2010; CUNHA, 2002, 2008, 2009, 2011; KRIEG-PLANQUE, 2003) mostram que eles são constituídos por dizeres em constante interação, uns respondendo aos outros, em diferentes gêneros, sem que seja possível separar as fontes desse diálogo ininterrupto com dizeres atuais, de épocas anteriores e de domínios diversos (político, econômico, cultural, etc.). Alguns são marcados e outros dissimulados no discurso do enunciador.

Daí decorre o recorte que fazemos neste artigo: as formas de representação do discurso outro<sup>4</sup>, os *enunciados dialógicos* (MOIRAND, 2010), os indícios de presença das vozes não marcadas e não visíveis, mas audíveis, amalgamadas<sup>5</sup> no discurso atual, que não são contempladas pelas descrições

<sup>2</sup> O autor francês contou vinte e 7000 links associados ao nome de “Bakhtine” em 1992. Atualmente, quando se coloca o nome “Bakhtin” no Google, aparece a informação que há 715.000 resultados.

<sup>3</sup> Da mesma forma que essas ideias estão na base da renovação dos estudos sobre a diversidade de gêneros, substituindo a dicotomia língua e fala.

<sup>4</sup> A noção de representação do discurso outro (RDO) foi elaborada por Authier-Revuz (2004, 2010a, 2010b) e recobre um enorme leque de formas, mas com alguma marca mínima que se refira à representação.

<sup>5</sup> O termo é utilizado no escritos de Bakhtin e Volochinov. Bakhtin tinha uma percepção fina do discurso da vida, no qual “a palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma **amalgama química** (no plano do sentido e da expressão)” (BAKHTIN, 1993a, p. 71). Os grifos são nossos.

linguísticas, e sem as quais não haveria discurso atual. Propomos sistematizar e explicar essa presença dialogizada nos discursos a partir da qual o leitor constrói sentidos<sup>6</sup>. Partimos da análise de um corpus constituído de cartas de leitores, gênero dialógico por excelência, uma vez que comentam outros discursos.

Antes de encerrar essa introdução, apresentamos o plano do artigo: iniciamos com uma discussão do dialogismo, colocado em evidência por Bakhtin e Volochinov, seguida por uma rápida visão das abordagens do dialogismo na linguística da enunciação e na análise do discurso. Em seguida, examinamos as formas e indícios do dialogismo em cartas de leitores num *momento discursivo*<sup>7</sup>. Terminamos com algumas observações sobre as formas de representação e sobre o dialogismo como teoria e como categoria enunciativa.

## 1. Uma teoria dialógica

Gostaríamos de iniciar com alguns esclarecimentos sobre nossa posição em relação à autoria dos textos assinados por Bakhtin, Volochinov e Medvedev<sup>8</sup>; à atribuição do status de teoria dialógica aos escritos dos autores russos; à explicitação do recorte feito do dialogismo para este artigo.

A questão da autoria ainda é objeto de controvérsias, mas nos últimos anos, pesquisas em arquivos russos levaram alguns estudiosos a reafirmar que os textos assinados inicialmente por Volochinov e Medvedev

<sup>6</sup> Consideramos com François (2009) que não temos acesso ao sentido de uma situação, de um livro, ou de qualquer coisa, mas ao sentido que se apresenta para cada um de nós e do nosso ponto de vista. Em outras palavras, os sentidos só existem na interpretação que cada um de nós fazemos em determinada situação e de nosso ponto de vista, a partir de uma série de indícios linguísticos e não linguísticos,

<sup>7</sup> A noção de momento discursivo remete à diversidade de produções discursivas que surgem na mídia a propósito de algo que ocorre no mundo e que se torna *pela e na* mídia um “acontecimento” (MOIRAND, 2007a).

<sup>8</sup> Preferimos usar o nome dos três autores mais conhecidos a “Círculo de Bakhtin”. Sobre essa questão citamos aqui Cunha (2011): “Sériot (2010, p.19) nega a idéia de *Círculo de Bakhtin*, “uma invenção tardia e apócrifa”, em razão de a expressão nunca ter sido usada na época em que eles se reuniam. Encontra-se um registro, em 1967, do psicolinguista Leontev, e na forma de discurso reportado, numa entrevista dada por Bakhtin a Duvakin nos anos 1970. *Círculo de Bakhtin* dá a idéia de que Bakhtin foi o líder. Shepherd (2005, p.14) também considera que os membros do grupo tinham autonomia intelectual e que a liderança de Bakhtin não impediu a influência recíproca. E Sériot (2010) sustenta que os demais participantes tiveram uma contribuição importante, se encontravam informalmente e pertenciam a outros agrupamentos”.

são de fato desses autores (TYLKOWSKI, 2012; SÉRIOT, 2007; 2010; FRANÇOIS, 2006; 2012; BOTA E BRONCKART, 2007)<sup>9</sup>. Como esses pesquisadores, consideramos que os textos de cada um deles têm pontos em comum e diferenças importantes do ponto de vista epistemológico, François (2012:26) cita uma carta de Bakhtin a Kozhinov que contém uma explicação de Bakhtin:

Eu conheço bem os livros *O método formal em literatura e Marxismo e filosofia da linguagem*. V. N. Volochinov et P. N. Medvedev eram meus amigos; na época em que esses livros foram escritos, trabalhávamos em estreito contato criativo. E mais: esses livros como meu estudo sobre Dostoievski são baseados numa concepção comum da linguagem e da obra verbal. Nossos contatos durante a elaboração de nossos trabalhos não diminuem a autonomia nem a originalidade de cada um desses três livros. (carta citada por Bronckart et Bota 2011, apud François, 2012: 26).

François (2012) considera que os estudiosos das obras dos autores russos tendem a não mais sustentar o mito do “grande Bakhtin”, que teria escrito sozinho o conjunto dos seus textos e aqueles assinados originalmente por Volochinov e Medvedev. É importante lembrar que foi em 1973, conforme informa Sériot (2010: 33) que Ivanov publicou o texto apresentado em novembro de 1970, num evento para comemorar o aniversário de Bakhtin (sem a presença dele), realizado no Laboratório de Linguística Computacional da Universidade de Moscou. Na lista dos trabalhos de Bakhtin, Ivanov cita trabalhos de Medvedev e de Volochinov, inclusive *Marxismo e filosofia da linguagem*, com uma nota de rodapé que afirma, sem documentos que comprovem tal afirmação:

O texto de base dos trabalhos 1-5 e 7 pertencem a M. Bakhtin. Seus alunos V. Volochinov e P. Medvedev, com o nome dos quais eles foram publicados, fizeram apenas

<sup>9</sup> Embora seja uma questão aberta, também partilhamos essa posição. Por essa razão, citamos nas referências bibliográficas apenas a última tradução de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, em que aparece apenas Volochinov como autor.

alguns acréscimos e modificaram algumas partes (em alguns casos, como em MFL, foi o caso do título) dos artigos e dos livros. A pertença desses trabalhos a um único e mesmo autor, confirmada pelas testemunhas, aparece de modo manifesto a partir do texto mesmo como podemos nos convencer, de acordo com as citações dadas acima (Ivanov, 1973: 44, apud, Sériot 2010: 27)

Preferimos também concluir com o ponto de vista de Sériot (2010:44-45):

O mais provável é que todas essas obras são fruto de discussões multiformes, que a influência seja multilateral, e que cada um dos autores tenha elaborado do seu modo temas que eram discutidos em vários momentos com interlocutores variados. É provável que o jurista Volochinov em Nevel e em Vitebsk tenha aprendido muito com os filósofos Bakhtin e Kagan, mas que em Leningrado o sociólogo e o filósofo da linguagem Volochinov tenha servido mais a Bakhtin como introdutor da nova ciência que começava a se estabelecer. Nessa época, Volochinov é cada vez mais autônomo em relação a Bakhtin sobre questões tão essenciais como o marxismo o freudismo e o marrismo.

Com relação ao fato de se utilizar a noção de teoria para definir o conjunto dos escritos dos três autores russos, Brait (2006, p. 9-10) propõe que “o conjunto das obras do *Círculo* motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de maneira geral”. Por outro lado, Perrier (1992, apud DEMERSON, 1992) adverte que é necessário empregar o termo teoria com precaução em razão das acusações de Bakhtin às construções teóricas abstratas, que necrosariam o concreto. Para Perrier, até mesmo o termo *conceito* passa pela “metáfora proliferante” e aqueles que querem codificar estão expostos ao risco de trair os escritos de Bakhtin.

Outros, baseados nos escritos iniciais, postulam que Bakhtin é um

pensador (TODOROV, 1981; FARACO, 2003); o criador de uma filosofia da comunicação criativa (GRÜBEL, 2005), de uma filosofia dos atos de fala humanos, da qual o dialogismo é o núcleo insubstituível. Grüberl (2005) afirma que as reflexões de Bakhtin sobre a ética e a estética, a axiologia e a ontologia são indiscutivelmente filosóficas. Para esse estudioso alemão, há nos escritos de Bakhtin uma busca contínua de um campo de aplicação de sua ideia do ser como ser-junto (ser-com).

O certo é que dos escritos filosóficos iniciais até os últimos textos, há reflexões sobre o homem e a linguagem na vida e na literatura. Consideramos que os escritos de Bakhtin, Volochinov e Medvedev, apesar da recusa pelo abstrato e de sua opção pelo concreto, contém um conjunto organizado de noções, umas ligadas às outras, relativas ao domínio da linguagem, que nos permitem falar de teoria dialógica. Nesse contexto epistemológico, o dialogismo está relacionado às concepções de enunciado, de situação, de gênero, de discurso na sua dimensão histórica, social, humana, cultural.

Por isso, e esse é o terceiro ponto a esclarecer, vamos partir da noção de dialogismo<sup>10</sup>, tendo como pano de fundo um conjunto noções, relativas ao funcionamento da linguagem, uma vez que Bakhtin dotou-o de um potencial hermenêutico extraordinário. Apesar da diversidade de sentidos e de leituras do termo, podemos “pensar com ele”, como faz Moirand (2010), e não utilizá-lo como uma categoria aplicável de forma mecânica a textos e discursos, como lembra Brait (2006).

Em linguística, o dialogismo foi incorporado inicialmente às abordagens enunciativas que foram além da visão estruturalista de homogeneidade do sujeito e do enunciado, para investigar os diferentes modos de heterogeneidade enunciativa, e posteriormente à análise do discurso, à semântica discursiva, à linguística textual e da enunciação<sup>11</sup>.

## 2. Dialogismo, alteridade, heterogeneidade

O dialogismo não se reduz ao diálogo, à intertextualidade, a técnicas pedagógicas de deciframento de textos, como foi feito no contexto do

<sup>10</sup> Segundo Shepherd (2005, p.15), o dialogismo é uma “força motora (sobretudo na Europa Ocidental desde o Renascimento) da história das línguas e da linguagem e, ao mesmo tempo, o traço característico do romance, gênero com consciência histórica por excelência”.

<sup>11</sup> A realização de mais um colóquio sobre *Dialogismo: língua e discurso*, na Universidade de Montpellier (França), em setembro de 2010 ilustra o desenvolvimento deste campo de estudo.

estruturalismo dos anos 1960, quando Kristeva diluiu o dialogismo na intertextualidade. Essa leitura decorreu, como se sabe, da recepção de Bakhtin num contexto do estruturalismo, que não era o do pensamento bakhtiniano<sup>12</sup>.

O dialogismo bakhtiniano está no centro de sua concepção de vida: o outro é a condição de vida (“a vida é dialógica”) e do ser humano (“tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros [da minha mãe, etc.] com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional”) (BAKHTIN, 2003, p. 373). Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, o dialogismo das vozes e a polifonia são teorizados a partir da obra do grande escritor russo:

a consciência do solitário Raskólnikov se converte em arena de luta das vozes dos outros. Nessa consciência, as ocorrências de idéias mais próximas (a carta da mãe, o encontro com Marmieládov) nela refletidas assumem a forma do mais tenso diálogo com interlocutores ausentes (a mãe, Sônia e outros) e é nesse diálogo que ele procura “resolver sua idéia”. (BAKHTIN, 1997, p. 87).

Bakhtin observa que é uma tendência de Dostoiévski pensar através de vozes, inclusive em seus artigos publicitários, onde o romancista desenvolve a ideia dialogicamente, por meio de confronto de vozes, introduzindo nos artigos polêmicos a forma de um diálogo imaginário. (BAKHTIN, 1997, p. 88). Portanto, são numerosas as formas de relação do discurso com outros discursos do presente, passado e futuro:

<sup>12</sup> É interessante observar as diferentes transmissões de Bakhtin na França, Estados Unidos e Inglaterra na década de 60 e depois nos anos 80. Zbiden (2005) mostra as consequências e problemas terminológicos, leituras diversas da obra, pontos de vista que parecem insustentáveis, como por exemplo, a imagem estática da teoria da linguagem bakhtiniana na tradução americana e francesa devido às traduções de termos como heteroglossia e heterologia, minimizando a evolução de Bakhtin. Além disso, essa visão tende, segundo a autora, a valorizar os primeiros textos de Bakhtin e a dar menos peso aos trabalhos posteriores ligados à literatura. Zbiden conclui com uma proposta interessante, na forma de questionamento, de se olhar para os escritos sem a visão de separação de disciplinas, para considerar a contribuição de Bakhtin para as Ciências Humanas como profundamente ligada ao seu contínuo ir e vir entre filosofia, literatura, antropologia filosófica. Podemos acrescentar a essas disciplinas, a metalinguística por ele proposta, ou seja, análise dialógica do discurso.

Dostoiévski tinha o dom genial de auscultar o **diálogo de sua época**, ou, em termos mais precisos, auscultar a sua época como um grande diálogo, de captar nela não só vozes isoladas, mas antes de tudo as *relações dialógicas* entre as vozes, a *interação* dialógica entre elas. Ele auscultava também as **vozes dominantes, reconhecidas e estridentes da época**, ou seja, as idéias dominantes, principais (oficiais e não-oficiais), bem como vozes ainda **fracas**, idéias ainda não inteiramente manifestadas, **idéias latentes** ainda não auscultadas por ninguém exceto por ele, e idéias que apenas começavam a amadurecer, embriões de **futuras** concepções do mundo. “A realidade toda — escreveu o próprio Dostoiévski — não se esgota no essencial, pois uma grande parte deste nela se encerra sob a forma de *palavra futura ainda latente, não pronunciada*”. /.../ auscultava também os ecos das **vozes-idéias do passado**, tanto do passado mais próximo (dos anos 30-40) quanto do mais distante. (BAKHTIN, 1997, p. 88-89). (os grifos com negrito são nossos).

Se o dialogismo aponta inicialmente para as vozes passadas e futuras no romance, posteriormente a noção adquire outros sentidos. A metáfora do Adão mítico ilustra a “tese” que todo discurso não pode deixar de se orientar para o “já dito”, para o “conhecido”, para a “opinião pública”, etc., e corresponde ao *dialogismo interdiscursivo*, dos estudos linguísticos atuais. Mas os autores russos referem-se ao mesmo tempo a uma propriedade inerente a todo discurso: sua orientação para o ouvinte, que, na linguística atual, é estudada como *dialogismo interlocutivo* (AUTHIER-REVUZ, 2012; BRES, 1998, 1999, 2008).

Dos primeiros aos seus últimos escritos (os *Apontamentos* dos anos 1970-1971), Bakhtin ressalta a importância (2003, p. 368) dos “diferentes tipos e graus de alteridade da palavra alheia e as diferentes formas de relação com ela — estilização, paródia, polêmica, etc.”. Volochinov (2010) e de Bakhtin (1993) se interessam especialmente pelos enunciando onde

as fronteiras entre as palavras próprias e as do outro podem confundir-se, porque é nelas que pode se desenvolver uma tensa luta dialógica. A preocupação com a inter-relação entre os discursos é tão central nos textos de Bakhtin que Popova (2007) atribui a escolha da obra de Rabelais por Bakhtin para a sua tese em razão da problemática da língua e da representação do discurso nos livros do escritor francês, a qual já despertava o interesse da linguística europeia.

O fato é que Voloshinov (2010) se debruça sobre os diferentes esquemas de transmissão do discurso – *direto, indireto e indireto livre* – e suas variantes, destacando a inter-relação dinâmica entre o contexto narrativo o discurso de outrem. Desloca assim o foco de análise das formas de discurso citado para a interação entre os discursos. Bakhtin (1993) analisa as variantes *híbridas*, com duplo sentido, duas “caras”, casos de construções sintáticas do autor, mas com palavras de outrem; de palavras e pensamentos que podem ser atribuídos ao personagem, ao narrador ou ao autor; e os casos de plurilinguismo disseminado no contexto narrativo, quando, por exemplo, o autor usa aspas ou itálico para se distanciar, ironizar, fazer um comentário implícito sobre o dito. E em *Problemas da Poética de Dostoienski*, Bakhtin (1997) faz uma classificação do discurso no romance em três grandes tipos, comprovando a relevância do tema para Bakhtin. Merece destaque aqui os tipos de discurso bivocal, o “discurso orientado para o discurso do outro”, especialmente o tipo ativo (discurso refletido do outro): (a) polêmica interna velada; (b) autobiografia e confissão polemicamente refletidas; (c) qualquer discurso que visa ao discurso do outro; (d) réplica do diálogo; (e) diálogo velado. O discurso do outro influencia de fora para dentro; são possíveis formas sumamente variadas de inter-relação com a palavra do outro e variados graus de sua influência deformante. Bakhtin lista cinco tipos: polêmica interna velada; autobiografia e confissão polemicamente refletidas; qualquer discurso que visa ao discurso do outro; réplica de diálogo; e diálogo velado. O primeiro e o último parecem ser muito frequentes nas cartas de leitores. Essa classificação do discurso no romance em três grandes tipos é uma contribuição da qual a linguística ainda não se apropriou possivelmente em razão de ser uma sistematização feita a partir do romance. Antes de observarmos se de fato as cartas de leitores funcionam como réplicas ou polêmicas internas veladas, apresentamos brevemente duas propostas de

estudos do dialogismo, importantes para nossa análise.

### 3. Abordagens do dialogismo na linguística da enunciação e na análise do discurso

#### 3.1 A representação do discurso outro - RDO

Partindo da definição de Volochinov, que define o discurso citado como discurso no e sobre o discurso, Authier-Revuz (2004, 2012) descreve os modos de representação do discurso outro, no plano da língua, como um setor da atividade metalinguageira. Esses são dois aspectos importantes do pensamento da linguísta francesa: a separação do plano da língua e do discurso, ou seja, o exame das formas da língua para dar conta do discurso; e a inclusão da RDO no campo da atividade metalinguageira.

Authier-Revuz (2004) propõe um esquema que resume a sua visão do campo da RDO, estruturada em termos de predicação, modalização, paráfrase e mostração<sup>13</sup>. Define quatro zonas: (1) do discurso indireto (DI); (2) da modalização do dizer como discurso segundo MAS (nessas duas zonas, temos uma imagem do discurso outro, construída por meio da paráfrase); (3) do discurso direto (DD); e (4) da modalização autonímica de empréstimo (MAE) (aqui temos uma imagem do discurso outro, construída por meio da exibição das palavras).

Para cada uma dessas quatro zonas, há uma grande diversidade de formas e uma gama enorme de graus de marcação, de sobremarcação, indo até as formas interpretativas. É importante lembrar que esse esquema parte da opção por uma ancoragem no sistema da língua para dar conta dos fatos de discurso, uma posição teórica que, segundo a autora, evita a análise dos funcionamentos discursivos sem se deter nas formas da língua.

Fora desse campo há ainda a zona da bivocalidade, onde se situa o discurso indireto livre, que apresenta formas e graus de marcação diversos, com ou sem orações intercaladas, com ou sem aspas. Para Authier-Revuz (2004), esses são os grandes tipos básicos oferecidos pela língua e que podem em discurso ser objeto de interpretações diversas.

Na fronteira do campo da heterogeneidade representada, encontram-se formas em que as marcas são cada vez mais tênues, chegando-se a uma

<sup>13</sup> *Monstration* em francês.

zona indecisa em que se desliza para a heterogeneidade constitutiva. Em outros termos, há um *degradé* de marcação que vai das formas de DD, da modalidade autonímica de empréstimo (MAE), à marcação zero do discurso direto livre (DDL); e do discurso indireto livre (DIL) à alusão. Esta última retoma alguma palavra do discurso outro, situando-se no limite de entrada das formas interpretáveis como RDO, com os riscos que o enunciador corre de não ter seu discurso compreendido pelo interlocutor por falta de “separação” das vozes. Para além, entra-se na zona do discurso *presente*, e não representado, que segundo a linguista francesa é percebido apenas por indícios de já-dito.

### 3.2 O dialogismo nos textos da imprensa

Tendo se dedicado ao discurso da imprensa ao longo de décadas, Moirand analisou gêneros e categorias (negação, concessão, discurso reportado), o que a levou ao conceito de dialogismo e à noção de situação e de enunciado de Bakhtin. No mundo multidiscursivo próprio à imprensa, Moirand explica a presença e a função da alteridade enunciativa, religando-a a causalidades externas.

Na busca por categorias que proporcionassem a separação das vozes imbricadas no fio horizontal do texto e a compreensão das razões dessas interações discursivas, Moirand (2010) elaborou a noção de *enunciado dialógico*, que deixa passar a alteridade discursiva por meio de sons, palavras e construções sintático-semânticas diversas. A autora busca desvelar as diferentes vozes que se misturam no fio horizontal do texto e a compreender as razões da presença, do encontro dessas vozes, articulando-as às origens, épocas anteriores, lugares de sua produção e comunidades languageiras que as produziram. Nessa linha, a alusão é analisada por meio de palavras, formulações, formas cristalizadas, construções sintáticas, que funcionam como memória de dizeres, de fatos e de eventos anteriores.

Moirand (2010) articula o dialogismo à análise do discurso, constituindo para autora uma semântica discursiva, que leva em conta o sentido das palavras e das construções em situação, e o que elas carregam de discursos outros. Insere, assim, o enunciado na história intertextual, interdiscursiva e interlocutiva.

É importante destacar que Moirand faz explicitamente opção por

uma análise discursiva partindo da materialidade linguística, enquanto Authier-Revuz distingue dois planos, mantendo a disparidade dos valores em língua e o dos funcionamentos do discurso. Para a primeira, o objeto de estudo não são as formas de representação do discurso outro, mas o diálogo entre os elementos heterogêneos no discurso e o papel desses elementos na construção dos eventos e até do nome dos eventos (Moirand, 2010, p. 20).

#### **4. Formas de representação e indícios de dialogismo**

O corpus da pesquisa é constituído de uma reportagem publicada pela revista *VEJA*, segundo a qual o governo de Cuba teria financiado a campanha eleitoral do presidente Luís Inácio Lula da Silva de 2002, e dos textos que foram publicados em cinco jornais durante a semana do dia 31 de outubro a 05 de novembro de 2005 (*Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Jornal do Commercio* de Pernambuco). Neste artigo, analisamos as vinte e uma cartas de leitores, publicadas neste momento discursivo.<sup>14</sup>

##### **4.1 Modos de representação do discurso outro**

Devido ao nosso duplo interesse pelas formas de representação e de presença do discurso outro na perspectiva da circulação dos discursos, o foco da análise são as retomadas de conteúdos da reportagem da revista, tendo em vista que o mais das vezes os leitores fazem comentários sobre assuntos políticos exteriores à reportagem em pauta. Assim, não analisamos as formas de RDO, relativas a outros “assuntos”. Do ponto de vista da materialidade linguística, há dois modos de representação frequentes: a representação integrada do discurso outro e a modalização da asserção como segunda.

###### **4.1.1 Representação integrada do discurso outro (DI)**

O discurso outro é objeto de uma representação integrada, com uma ancoragem enunciativa única, incluindo o tradicionalmente denominado discurso indireto (DI), bem como construções enunciativamente

---

<sup>14</sup> O tratamento das formas de representação do discurso em notícias, editoriais e artigos de opinião neste *momento discursivo* foi analisado em Cunha (2008).

unificadoras, algumas conjugando diferentes tipos de articulações com outros discursos. Como mostra Authier-Revuz (2004), para além do “ele disse”, a RDO reconhece uma enorme diversidade de formas de integração de outro dizer ao discurso. Nas cartas de leitores, há poucas ocorrências de DI na forma “disse que”. Uma das formas mais frequentes é a construída por meio da nominalização:

#### Carta 15

Que me desculpe Fidel Castro, por quem aliás nutro uma enorme, e antiga, admiração, mas a sua tentativa de se mostrar indignado ante as insinuações de que teria contribuído com US\$ 3 milhões para a campanha de Lula, em 2002, baseando-se na declaração de que “jamais interferiu em assuntos internos brasileiros”, beira ao ridículo. (FERREIRA, Júlio. *Jornal do Commercio*, Recife, 1º nov. 2005. Opinião, p. 10)

Neste exemplo, o leitor retoma a resposta dada pelo governo de Cuba à reportagem, segunda camada enunciativa relativa a esse “evento”, e constrói um DI por meio de uma série de nominalizações (“tentativa”, “indignado”, “insinuações” e “declaração”)<sup>15</sup>. Esse recurso, juntamente com o futuro do pretérito considerado como marcador de alteridade enunciativa, de distanciamento em relação à asserção inserida, funciona como discurso reportado (HAILLET, 1998, p. 235). Ambos permitem ao locutor apagar a fonte do conteúdo retomado, ou seja, as insinuações da revista *Veja*, e o contexto do discurso em que Fidel expressa indignação e dá uma declaração (jornal *Estado de S. Paulo*). Não há nenhuma informação sobre o contexto da enunciação da resposta de Fidel Castro. O que permite a análise das camadas enunciativas das cartas dos leitores é uma notícia sobre a nota do governo de Cuba sobre a denúncia da revista. O leitor utiliza ainda a modalidade autonímica de empréstimo (MAE) para se referir a um conteúdo selecionado do texto do governo cubano: “jamais interferiu

<sup>15</sup> Detectamos nas cartas várias camadas enunciativas:

- Situação de enunciação 1: reportagem da revista *Veja*;
- Situação de enunciação 2: respostas dos envolvidos à reportagem (Partido dos Trabalhadores, membros do governo, governo cubano);
- Situação de enunciação 3: cartas dos leitores;
- Situação de enunciação 4: carta de leitor sobre cartas já publicadas sobre o assunto.

em assuntos internos brasileiros”, trecho que servirá de argumento para a posição do leitor.

#### Carta 10

Quando surgiram as denúncias do mensalão e do valerioduto, todos os membros do comitê nacional do PT afirmaram que nada sabiam, inclusive o presidente Lula, que não sabia o que ocorria no PT por estar afastado do partido. Agora surgem as denúncias sobre o dinheiro vindo de Cuba para o PT fazer a sua campanha. Agora todos são unânimes em afirmar que tudo isso é mentira, é uma farsa etc. e tal. (MENDES, Oswaldo. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. A6, 1º nov. 2005)

Esse fragmento tem duas construções em que se insere o discurso outro: a nominalização no primeiro período (“denúncia”), que corresponde a um discurso indireto: “denunciaram o mensalão”; e a narrativa mínima (“quando surgiram”; “agora surgem”), na qual o leitor retoma a nominalização (“denúncia”) apontando para o discurso anterior. Essa forma de narrativa mínima aparece em outra carta, que acumula uma série de indícios da retomada do discurso da reportagem:

#### Carta 21

Quando surgiram as denúncias de que Marcos Valério teria “injetado” quase R\$ 100 milhões nos cofres do PT, os dirigentes do partido declararam desconhecer o assunto /.../ Agora, com a denúncia de que Cuba teria “doadado” US\$ 3 milhões para a campanha eleitoral de 2002, os mesmos dirigentes que antes não sabiam nada sobre as finanças do PT apressam-se em desmentir a notícia. /.../ (FERREIRA, J. *Jornal do Commercio*, Recife, 05 nov. 2005. Opinião, p. 14).

Neste exemplo, ocorrem a mesma estrutura e formas semelhantes a da carta 10 (“quando surgiram as denúncias... Agora com a denúncia”): narrativa de fatos anteriores que o leitor coloca como semelhante ao da

denúncia da revista semanal, nominalização, seguida de um fragmento do conteúdo da reportagem (“Cuba teria ‘doado’ US\$ 3 milhões para a campanha eleitoral de 2002”), com o uso do futuro do pretérito.

#### 4.1.2 RDO por modalização da asserção como segunda (MAS)

Carta 5

Se é pouco provável que Fidel estivesse em condições de mandar US\$ 3 milhões para apoiar Lula em 2002, segundo ex-assessores do ministro Palocci, não seria nada inverossímil que essa verba pudesse ter sido enviada por Hugo Chávez (presidente da Venezuela) via Cuba. (DE PAULO, Conrado. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. A10, 31 out. 2005)

A MAS é um modo em que o enunciador fala do mundo a partir de um dizer, diferente da representação integrada (DI) que fala de um dizer (que por sua vez fala do mundo). A diferença entre as duas formas está também no estatuto atribuído ao discurso outro: nesta última, ele é objeto do dizer, uma “predicação de um discurso outro”, enquanto a MAS tem o estatuto da fonte do dizer. Não há uma afinidade entre esse modo de RDO e a carta do leitor (duas ocorrências nas vinte e uma cartas), que utiliza com mais frequência as representações integradas e a alusão, que analisamos a seguir.

#### 4.1.3 Alusão

Se nos exemplos citados observamos formas que representam um dizer outro, nos seguintes, analisamos os casos em que o “dialogismo interdiscursivo” se mostra por meio de indícios difíceis de serem sistematizados. Os graus de marcação do dialogismo tornam-se assim menos claros do que quando nos debruçamos sobre as formas marcadas de representação.

Os exemplos abaixo estariam na “zona indecisa” (AUTHIER-REVUZ, 2004), onde se pode passar da heterogeneidade representada para a heterogeneidade constitutiva. Aqui ocorre a ultrapassagem de um limite — uma forma com grau zero de marcação — em que o dialogismo

interdiscursivo é apreendido pelo interlocutor no trabalho de interpretação. Num estudo linguístico fundamental sobre a alteridade enunciativa, Authier-Revuz (2007) analisa a alusão como parte da modalidade autonímica, uma vez que há “empréstimo, retomada não explícita de segmentos em sua linearidade” (2007, p. 3).

No entanto, no corpus em análise, não há retomada de segmentos na forma como apareceram em discursos outros, mas de temas. Em trabalhos anteriores, utilizamos o termo *menção* para esse tipo de retomada condensada. Não é possível contudo distinguir *alusão* no sentido lato e *menção*, que são considerados sinônimos pelos dicionários<sup>16</sup>. Por isso, tomamos a noção no sentido lato, que abrange a grande diversidade de fatos reconhecíveis como “referência vaga, de maneira indireta; avaliação indireta de uma pessoa ou fato, pela citação de algo que possa lembrá-lo” (DICIONÁRIO HOUAISS, 2001).

O reenquadramento do tema da revista com outra orientação nas cartas de leitores revela grande complexidade em função da superposição de traços semânticos e do imbricamento dos discursos. Os exemplos a seguir mostram a gradação dos indícios de discurso outro.

#### Carta 11

Depois que dólares americanos financiaram o golpe militar no Brasil, outros bens sucedidos como no Chile e alguns nem tanto, como na Venezuela, parece se horrorizar por Cuba doar algumas merrecas para o PT. (SILVA, Wilson Tadeu Tede. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. A6, 1º nov. 2005)

#### Carta 6

Primeiro foi o assessor nordestino tentando embarcar no aeroporto em São Paulo com os dólares escondidos na cueca. Agora, o dinheiro de Cuba bem acondicionado em garrafas de rum e uísque. Convenhamos, quando o assunto é transporte não convencional de recursos não contabilizados é inegável a imensa criatividade petista! (ANJOS, Rodrigo Odilon dos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1º nov. 2005, p. A6).

<sup>16</sup> Houaiss: “Alusão - 1. ato ou efeito de aludir, de fazer rápida menção a alguém ou algo”.

Nestes exemplos, não há nenhuma marca explícita de uma RDO. A carta 11 não apresenta o sujeito, mas é possível inferir que o leitor refere-se à imprensa (os jornais pesquisados publicaram cerca de 40 textos a partir da reportagem da *Veja*). Na carta 6, a construção na forma de narrativa mínima (“primeiro”, “agora”) é um indício que houve dois discursos em momentos diferentes.

Como mostra Bakhtin, são numerosas as formas e graus de orientação dialógica. Há sequências, inscritas no fio dos discursos, que representam os dizeres não só como efetivamente realizado, mas como prováveis, possíveis, hipotéticos, negados, em função da construção de um ponto de vista e da argumentação. É o que veremos a seguir.

### **5. Pontos de vista do enunciador sobre os dizeres representados — da representação do dizer como fato à negação do conteúdo do dizer**

Para Bakhtin, todo enunciado é um ponto de vista e tem um autor. Grize (1990) desenvolve a noção numa outra perspectiva teórica, em que propõe um modelo de esquematização e esclarecimento do objeto do discurso. Na realidade, o locutor constrói uma representação discursiva do que ele fala, numa situação interlocutiva precisa e para um interlocutor que reconstrói a esquematização que lhe é apresentada. Todo discurso é assim uma representação dialogicamente construída<sup>17</sup>, um ponto de vista, em função da finalidade do enunciador, das representações que ele se faz do seu interlocutor, da que ele faz daquilo que ele fala e da que ele pretende dar de si mesmo.

Nas cartas de leitores em análise, o enunciador constrói um ponto de vista — que corresponde grosso modo a posições a favor, contra a reportagem e ambígua, ou seja, não fica claro onde o leitor se coloca. Na realidade, essas posições correspondem a outras, político-partidárias: contra ou a favor do governo do presidente Lula, do seu entorno, do Partido dos

---

<sup>17</sup> É importante observar que a noção de representação foi proposta por Grize (1990) numa perspectiva teórica da lógica natural, diferente da que se inscreve Authier-Revuz que utiliza representação mas que contém uma pontos em comum, a saber, que o enunciador não transmite um dizer tal como foi pronunciado mas formula em função de parâmetros enunciativos uma representação.

Trabalhadores, do que estaria no campo da esquerda<sup>18</sup>. O conteúdo da denúncia da revista contra o governo é representado na argumentação das seguintes formas:

- Como fato:

O dizer outro é um evento realizado, representado por uma forma assertiva e afirmativa:

#### Carta 1

A Cuba de hoje que jura de pés juntos que não enviou dinheiro para a campanha de Lula, é a mesma Cuba que jurou mais de duas décadas atrás /.../ armas que não enviou ou entupiu de “forma alguma” os movimentos guerrilheiros da África de então com centenas de milhares de fuzis AK-47. /.../ BOCCATO, Paulo Bauru (SP). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 out. 2005. Opinião, p. A14.

- Na forma de pergunta retórica:

#### Carta 13

/.../ Não seria parte daqueles dólares a mesma que viajou de Havana para Brasília, depois para Ribeirão Preto, Campinas e São Paulo? BEATO, Mauro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º nov. 2005. Fórum dos Leitores, p. A2.

A pergunta retórica funciona como afirmação da formulação interrogativa. Em todas essas cartas acima, o leitor constrói um ponto de vista em que o discurso da revista é usado como argumento para criticar Lula e o PT. Em outras palavras, as cartas que apresentam o dizer da reportagem como fato se alinham aos valores e à ideologia da revista.

- Como hipótese:

O discurso outro não é tratado como evento realizado e representado por uma forma assertiva afirmativa. Ele é objeto de uma construção condicional, com o uso da conjunção *se*, a marca explícita desse tipo de oração:

<sup>18</sup> Isso porque a revista *VEJA* e seus leitores situam-se no campo oposto em termos ideológico.

## Carta 4

Se essa história dos milhões de dólares enviados pelo governo cubano para a campanha do presidente Lula for verdadeira, tem a virtude de esclarecer que esse dinheiro contribuiu para uma eleição democrática de um candidato que tem a simpatia daquele governo. /.../ SANTOS, S. de B. P., *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. A10, 31 out. 2005.

As cartas utilizam o modo de raciocínio *se... então*, em que há uma implicação lógica em perspectiva. Apenas na carta 4, o leitor usa o conteúdo para apontar o mérito do hipotético financiamento ilegal, ou seja, como argumento para se posicionar a favor do presidente Lula.

A hipótese também é formulada por meio do uso do futuro do pretérito, como na carta 15:

## Carta 15

/.../a sua tentativa de se mostrar indignado ante as insinuações de que teria contribuído com US\$ 3 milhões para a campanha de Lula, em 2002 /.../

- Como possibilidade:

O dizer anterior da revista é retomado como uma possibilidade, e não como um fato.

## Carta 18

Ora, portanto, para pronunciamento sobre possível envio e recebimento de dólares de Cuba para a campanha presidencial, só cabe ser feito pelo referido senhor /.../ MacDowell, M. C. *Jornal do Commercio*, Recife, 3 nov. 2005. Opinião, p. 10.

- Como probabilidade:

O enunciador não contesta diretamente a asserção aludida (“Fidel enviou 3 milhões para apoiar Lula em 2002”). Ele explicita que o fato é pouco provável, de acordo com a resposta de um membro do governo:

### Carta 5

Se é pouco provável que Fidel estivesse em condições de mandar US\$ 3 milhões para apoiar Lula em 2002, segundo ex-assessores do ministro Palocci, não seria nada inverossímil que essa verba pudesse ter sido enviada por Hugo Chávez /.../ (DE PAULO, Conrado. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. A10, 31 out. 2005)

- Negação do fato relatado pela revista:

O leitor faz alusão à notícia para mostrar que o conteúdo não é crível, ou seja, não dá nenhuma credibilidade ao que disse a revista.

### Carta 7

Chega a ser ridícula esta notícia de que o dinheiro de Cuba irrigou a campanha do PT. Um país pobre como Cuba, que vive correndo atrás de divisas, dar dinheiro para partidos do Brasil, só na cabeça desses malfeitores da direita reacionária e golpista. Ferreira, C. E. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. A6, 1º nov. 2005.

As cartas de leitores, como se nota, têm traços de genericidade (ADAM e HEIDMANN, 2009), a saber, não usam citações diretas, não fazem uso da forma de discurso indireto com orações subordinadas, utilizam as representações integradas e alusões, apagam os elementos das situações de enunciação anteriores (primeira e segunda camada enunciativa). Todos esses modos de representação inseridos na argumentação das cartas têm o propósito de dar esclarecimentos, explicações e terminam por construir o posicionamento do leitor.

## 6. CONCLUSÃO

Ao término dessa análise, podemos observar várias formas e graus de dialogismo, de presença de discursos anteriores:

- Discurso integrado com emprego da forma equivalente ao “disse que”;

- Discurso integrado com emprego de nominalização: as cartas utilizam termos que no contexto funcionam como indícios de outra enunciação à qual o enunciador se refere: *insinuações*, *denúncia*, *história*, *informação*, *episódio*, *notícia*.
- Discurso integrado com emprego de construção narrativa e nominalização. A construção “antes... agora” ou “quando... agora” é utilizada em quatro cartas, duas das quais com a nominalização.
- Alusão que articula duas dimensões de alteridade, de endereçamento e do já-dito, que atravessam o dizer. Com esse modo de representação, que insere outros discursos de forma bastante condensada, os leitores se colocam como parte de uma comunidade de diálogo, a da imprensa, que acompanha, no caso do nosso corpus, o desenrolar do evento discursivo produzido pela revista *Veja*.

A diversidade de formas de retomada do discurso outro está ligada à formulação do ponto de vista e, conseqüentemente, à argumentação. O gênero e os recursos utilizados apagam o contexto de enunciação do dizer representado: quem publicou, onde, quando. Se tais elementos são apagados, o porquê da publicação não aparece em nenhuma notícia. A reinscrição do outro é quase dissimulada nas cartas, mas os elementos analisados funcionam como indícios semânticos e genéricos da alteridade, configurando um discurso bivocal, semelhante à polêmica velada. As cartas de leitores analisadas retomam alguns fragmentos da reportagem da revista, de forma indireta ou na forma de alusão, e ao mesmo tempo atacam o discurso do outro (governo, PT, Fidel Castro) entrando em conflito com ele; ou atacam o discurso da imprensa sobre o conteúdo da reportagem. A polêmica velada funciona como as “indiretas” e alfinetadas do linguajar cotidiano (BAKHTIN, 1997). Funciona também como réplicas de um diálogo, em que o leitor se posiciona no evento discursivo criado pela imprensa.

A análise das cartas mostra ainda o texto como uma rede de relações em que cada dizer religa e modifica outros que o constituem, numa cadeia

dialógica apontando o caráter histórico da produção discursiva.

Como a intertextualidade (RABAU, 2002), o dialogismo só se tornou tardiamente um instrumento de análise, embora ele tenha levado a repensar nosso modo de compreensão dos textos, que passaram a ser vistos como um espaço em que cada texto transforma os outros que o modificam por sua vez<sup>19</sup>. Da mesma forma que os estudos da intertextualidade abriram a perspectiva de uma hermenêutica literária desligada da história literária (RABAU, 2002), o dialogismo “abriu” o campo da análise dialógica de discurso.

Do ponto de vista teórico e da contribuição para o campo disciplinar, destacamos a importância da teoria dialógica para a análise discursiva dos sentidos que se constroem nos encontros desses milhares de fios dialógicos que articulam o discurso atual aos discursos próximos, longínquos, de grupos sociais diversos e de modos de dizer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J.-M.; HEIDMANN, U. *Le texte littéraire - pour une approche littéraire interdisciplinaire*. Louvain-la-Neuve: Bruylant-Academia, 2009.

AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi – boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: 2 v., Larousse, 1995.

\_\_\_\_\_. La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène. In: LOPEZ-MUNOZ, J.-M.; MARNETTE, S.; ROSIER, L. (eds.). *Le discours rapporté dans tous ses états : question de frontières*. Paris: L'Harmattan, 2004, p. 35-53.

\_\_\_\_\_. Nos riscos da alusão. Trad. Ana Vaz e Dóris de Arruda C. da Cunha. *Investigações – Linguística e Teoria Literária*. Recife: v. 20, n. 2, 2007, p. 09-46.

\_\_\_\_\_. Dire à l'autre dans le déjà-dit : interférences d'altérités – interlocutive et interdiscursive – au cœur du dire. *Polifonia e Intertextualidad en el Dialogo*, C.U. Lorda Mur (éd.), Madrid, Oralia, Arco Libros, 2012, p. 19-44.

<sup>19</sup> Não podemos esquecer que François propõe no início dos anos oitenta o diálogo e a linguagem como retomada-modificação (1982).

BAKHTIN, M. *Questões de Estética e de Literatura*. 3ª ed. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BOTA, C. et BRONCKART, J.-P. Volochinov et Bakhtine, deux approches radicalement opposés des genres des textes et de leur statut. *LINX*, 56, 2007, p. 73-89.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In BRAIT, B. (org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-31.

BRES, J. Entendre des voix : de quelques marqueurs dialogiques en français. In: BRES, J. et al. (eds.). *L'autre en discours*. COLLOQUE PRAXILING/DYALANG, Montpellier, Université Paul Valéry, 1998, p. 191-212.

\_\_\_\_\_. *Vous les entendez? Analyse du discours et dialogisme*. Modèles Linguistiques, tome XX, fasc. 2, 1999, p. 71-86.

\_\_\_\_\_. De l'épaisseur du discours: horizontalement, verticalement... et dans tous ses sens. In: *CONGRÈS MONDIAL DE LINGUISTIQUE FRANÇAISE*, 8, Institut de Linguistique Française, Paris, 2008, p. 853-859.

CUNHA, D. A. C. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. *Bakhtiniana*, Revista de estudos do discurso. São Paulo, v. 1, n.5, 2011, p. 116-132.

\_\_\_\_\_. *Circulação, reacentuação e memória na imprensa*. *Bakhtiniana*, Revista de estudos do discurso. São Paulo, v. 1, n. 2, 2009, p. 23-39.

\_\_\_\_\_. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. *MATRAGA*, n. 22, 2008, p. 129-144,

\_\_\_\_\_. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: BEZERRA, DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2002, p. 166-179.

DEMERSON, G. La leçon de Mikhail Bakhtin – L’entrechoquement des langues et cultures. *ESPRIT*, mar./abr. 2002, p. 240-253.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo – as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FRANÇOIS, F. Dialogisme des “voix” et hétérogénéité constitutive du “sens”. le “savoir”, le “quotidien” et le “littéraire”, communauté et différences d’accentuation chez Volochinov, Bakhtine et Vygotski. Une contribution indirecte à la pédagogie du “texte littéraire”. *Investigações - Linguística e Teoria Literária*, Recife, v. 19, n. 2, 2006, p. 1-63.

\_\_\_\_\_. *Essais sur quelques figures de l’orientation : hétérogénéités, mouvements et styles*. Limoges, Editions Lambert&Lucas, 2009.

\_\_\_\_\_. *Bakhtin tout nu ou Une lecture de Bakhtine en dialogue avec Vološínov, Medvedev et Vygotski ou encore Dialogisme, les malheurs d’un concept quand il devient trop gros, mais dialogisme quand même*. Limoges, Editions Lambert&Lucas, 2012.

GRIZE J.-B. *Lógica e linguagem*. Ophrys, 1990.

GRÜBEL, R. La philosophie de la communication créative de Bakhtine et les problèmes de sa réception. In: WEBER-HENKING, I. *La quadrature du cercle de Bakhtine. Traductions, influences et remises en contexte*. Centre de traduction littéraire, n. 45, Univ. de Lausanne, 2005, p. 63-125,

HAILLET, P. P. Quand un énoncé en cache un autre : le conditionnel et les relatives appositives. In: BRES, J. et al. (eds.). *L’autre en discours*. Coll. Praxiling/Dyalang, Montpellier, Université Paul Valéry, 1998. p. 213-238.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001.

KRIEG-PLANQUE, A. *Purification ethnique” une formule et son histoire*. Paris: CNRS Editions, 2003.

MOIRAND, S. *Les discours de la presse quotidienne – observer, analyser, comprendre*. Paris: PUF, 2007.

\_\_\_\_\_. Retour sur une approche dialogique du discours. In: *Les approches dialogiques et polyphoniques en langue et en discours* dans *La question polyphonique ou dialogique en sciences du langage*. Université de Metz, CELTED, collection Recherches linguistiques n°31, 2010, p. 375-378.

POPOVA, I. L. Le « carnaval lexical » de François Rabelais : le livre de M. M. Bakhtine dans le contexte des discussions méthodologiques franco-allemandes des années 1910-1920. *Slavica*, n. 25, 2007, p. 189-201.

RABAU, S. (ed.). *L'intertextualité*. Coll. Corpus. Paris: Flammarion, 2002.

SÉRIOT, P. Généraliser l'unique : genres, types et sphères chez Bakhtine. *LINX*, 56, 2007, p. 37-53

\_\_\_\_\_. Vološinov, la philosophie de l'enthymème et la double nature du signe. *Préface à Marxisme et philosophie du langage. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowskij-Ageeva. Limoges: Lambert Lucas, 2010.

SHERPHERD, D. La pensée de Bakhtine : dialogisme, décalage, discordance. In: WEBER-HENKING, I. *La quadrature du cercle de Bakhtine. Traductions, influences et remises en contexte*. Centre de traduction littéraire, n. 45, Univ. de Lausanne, 2005, p. 5-25.

TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtin – le principe Dialogique, suivi de Écrits du Cercle de Bakhtin*. Paris, Seuil, 1981.

TYLKOWSKI, I. *Voloshinov en contexte – Essai d'épistémologie historique*. Limoges, Editions Lambert&Lucas, 2012.

Vološinov, V. V. *Marxisme et philosophie du langage. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe para Patrick Sériot et Inna Tylkowska-Ageeva. Limoges: Lambert Lucas, 2010.

ZBINDEN, K. La conquête de l'Ouest : Bakhtine en Amérique du Nord et en Grande Bretagne. In: WEBER-HENKING, I. *La quadrature du cercle de Bakhtine. Traductions, influences et remises en contexte*. Centre de traduction littéraire, n. 45, Univ. de Lausanne, 2005, p. 27-62.